

**I Encontro Internacional de Estudos Multidisciplinares:
"Antiguidade e Medievalidade nos textos"**

Universidade Estadual do Ceará – Universidade Federal do Ceará

Fortaleza (CE), 10 – 11 – 12 de Agosto de 2011.

WELLEK, René e WARREN, Austin. **Teoria da literatura**. Lisboa: Europa-América, 1962.



O CAMINHO DO MANUSCRITO: DO PAPIRO À PRENSA DE GUTENBERG

GOMES, Lidia B.

CAVALCANTE, Maria Neuma B. (Orientadora)

Resumo

O objetivo deste trabalho é fazer um apanhado histórico sobre a trajetória do manuscrito, especificamente, a partir do período que compreende a Antiguidade greco-romana, estendendo-se até a Idade Média. Faremos algumas alusões sobre a origem do manuscrito, destacando os tipos de escritas e os suportes primitivos de alguns povos do Oriente Médio e de regiões asiáticas e suas respectivas contribuições para a origem do alfabeto grego e romano.

Palavras-chave: Antiguidade Clássica. Idade Média. Manuscrito. Suporte.

1. Introdução

Ante às invenções tecnológicas atuais e o cotidiano conturbado de nossas sociedades, somos levados, involuntariamente, a olvidar a história da humanidade ou até mesmo demonstrar desinteresse em querer conhecê-la. Raras são as vezes que paramos para refletir sobre as invenções e descobertas que antecederam ou fizeram parte da Antiguidade Clássica, sendo que esta última tem como marco o surgimento da poesia de Homero, no século VIII a.C., e que terminou no século V d. C., com a queda do Império romano.

Dentre as inúmeras criações do homem temos as origens da escrita e da leitura num período arcaico das civilizações como a dos semitas, cananeus, fenícios, egípcios, sumérios e mesopotâmicos. Coube às civilizações posteriores como a dos gregos e romanos, pais dos alfabetos das línguas neolatinas, darem continuidade e, ao mesmo tempo, contribuir para a evolução e propagação da escrita que, sem sombras de dúvidas, foi a maior invenção do homem e que proporcionou toda essa revolução científica e tecnológica.

2. Metodologia

O presente trabalho surgiu a partir de nossas experiências no Arquivo do Escritor Cearense (AEC) onde trabalhamos em contato direto com os manuscritos de alguns escritores, contato este que nos despertou a curiosidade de conhecer, de modo mais profundo, tanto a história da escrita como a importância da preservação da memória.

**I Encontro Internacional de Estudos Multidisciplinares:
"Antiguidade e Medievalidade nos textos"**

Universidade Estadual do Ceará – Universidade Federal do Ceará
Fortaleza (CE), 10 – 11 – 12 de Agosto de 2011.

3. Resultados e Discussão

Ao longo da história da escrita e da leitura, sabemos que a oralidade precedeu àquela. No período arcaico, as narrativas subsistiam com o recurso da mnemônica. Ou seja, as histórias eram relatadas de geração a geração de forma oral. Entretanto, mesmo depois de seu surgimento a escrita foi usada, no primeiro momento, não para registrar as narrativas, mas para fins comerciais e administrativos.

Uma das ferramentas essenciais na vida do ser humano é a comunicação. O homem, desde sua origem, tem demonstrado essa necessidade para com os seus semelhantes, por isso buscou desenvolver e aperfeiçoar o ato comunicativo.

Fischer (2006) afirma que o homem de Neandertal, cerca de 300.000 anos atrás, e os primeiros *Homo sapiens*, que podem ter sido contemporâneos, já eram capazes de “ler” entalhes feitos em cascas de árvores e ossos além da arte rupestre que também era o seu meio de comunicação.

Pozzer (2004, p. 63) afirma que “a noção de escrita surgiu ainda na pré-história, pois desde o período neolítico o homem desenvolveu sistemas de contabilidade, utilizando símbolos numéricos que serviam de auxílio na administração dos bens produzidos”. Os primeiros escritos deste período são chamados de escrita cuneiforme e datam, aproximadamente, de 3.000 a. C., e foram localizados em Ur, região mesopotâmica.

Higouneth (2003) e Fischer (2006) afirmam que a escrita cuneiforme tem sua origem na Suméria por volta de 3.000 - 3.500 a. C, sendo aí e na Ásia anterior que este tipo de escrita primária se manifestou gravada em tabuletas de argila fresca que passavam, logo após, por um processo de cozimento em forno.

Os chineses, em cerca de 1400 a. C., gravaram os caracteres de sua escrita em ossos de omoplatas de animais, em casco de tartaruga, lâmina de bambu, em madeira e pedra. Na Índia, a escrita foi gravada em folhas de palmeiras; no Egito, os hieróglifos geralmente eram gravados em pedra, mas existiram caracteres denominados de hieróglifos lineares, pintados à tinta em sarcófagos de madeira ou em papiro.

Os etruscos da Itália restringiram suas inscrições a assuntos funerários, contratos jurídicos, rotulagem de produtos além de possíveis tarefas administrativas e contábeis. As primeiras leituras em latim, provenientes de uma ramificação da escrita etrusca, restringiam-se a nomes de seus proprietários em vasos e objetos de metal, mas também houve registros de dedicatórias religiosas e textos curtos. Porém, os inscritos mais importantes da escrita latina surgiram durante o século IV a. C.

**I Encontro Internacional de Estudos Multidisciplinares:
"Antiguidade e Medievalidade nos textos"**

Universidade Estadual do Ceará – Universidade Federal do Ceará

Fortaleza (CE), 10 – 11 – 12 de Agosto de 2011.

Até essa data, o suporte de escrita mais comum foi o papiro que passou a ser utilizado pelos gregos a partir do contato com os egípcios antigos por volta do século VII a. C. Antes disso, os gregos gravavam sua escrita em materiais como tabuletas de cera, pedaços de cerâmica e pele, técnicas desenvolvidas anteriormente por povos do Oriente Médio. Com a divulgação do papiro este suporte se tornou mais comum para a escrita dos gregos e romanos. O Egito era o fornecedor do produto tanto para a Grécia, como também, mais adiante, para Roma. Embora, de custo alto, o papiro apresentava maiores vantagens que as tabuletas, pois proporcionou o surgimento de textos mais longos que aqueles gravados em suportes mais primitivos, como cascas de árvores, tabuletas de argila.

O papiro era organizado em rolos e armazenado em caixas individuais que continham rótulos de identificação que podiam ser em papiro, no caso dos romanos, ou em argila no caso dos egípcios.

O papiro permitia a fabricação de suportes maiores que as tabuletas o que alterou o seu manuseio. Ou seja, não se limitava ao espaço das mãos, como ocorria com as tabuletas de argila. Para lê-lo desenrolava-se e enrolava-se o rolo à medida que acontecia a leitura. Além disso, as letras passaram a ser escritas em tamanhos maiores o que favoreceu sua nitidez e a criação de formas mais trabalhadas. Junto a isto, surgiu também a pontuação, mas a finalidade desta, em seu primeiro momento, era marcar as pausas no ato da retórica.

Em relação aos primeiros manuscritos mais extensos, especificamente os literários, estava a *Iliada* de Homero que abrangia 24 rolos de papiros separados, pois se tratava de 24 obras individuais que mais tarde foram reunidas em um só códice e interpretadas como 24 capítulos (FISCHER, 2006). O manuscrito literário grego só prosperou depois da dinastia ptolomaica que favoreceu a importação do papiro em grande escala no século IV a. C., resultando mais adiante na construção da famosa Biblioteca de Alexandria que reuniu o maior acervo da Antiguidade Clássica. Os navios que ancoravam no porto de Alexandria eram obrigados a desembarcar os manuscritos que transportavam para que fossem copiados. Também era comum a prática de empréstimos e, até mesmo, a venda e doação de bibliotecas inteiras para compor a maior Biblioteca. Gregos e romanos foram os maiores difusores da escrita em papiro. Com o crescente número de obras, foi necessária a criação de técnicas de catalogação para ajudar a localizá-las nas bibliotecas.

Em Roma, especificamente em Pompéia e em Herculano, mesmo com o alto preço do papiro, a maioria das residências ricas possuía pequenas quantidades de livros. Existiam também livrarias que exibiam papiros nas prateleiras para chamar a atenção do público, além de oferecer

**I Encontro Internacional de Estudos Multidisciplinares:
"Antiguidade e Medievalidade nos textos"**

Universidade Estadual do Ceará – Universidade Federal do Ceará

Fortaleza (CE), 10 – 11 – 12 de Agosto de 2011.

pequenas exposições e doações de fragmentos de obras para despertar o interesse daqueles que se interessavam pela leitura.

Com a escassez do papiro na Grécia, surgiu um novo suporte para a escrita: o pergaminho. O uso deste, entre os gregos, foi resultado da intervenção de Ptolomeu, rei do Egito, que não permitiu que o papiro fosse vendido para Eumenes II, rei de Pérgamo, que governou de 197-158 a.C., e pretendia criar uma biblioteca para concorrer com a de Alexandria. Eumenes ordenou que um novo material para a escrita fosse extraído da pele de animais como ovelhas e cabritos. Antes de ficar pronta a pele passava por um processo de secagem e espichamento que a deixava fina.

O pergaminho passou a ser usado em grande escala a partir do início da era cristã. O corte e a medida das “folhas” permitiram sua reunião nos chamados códices, pergaminhos organizados em forma de livro com furos nas extremidades que continham fios que prendiam as folhas umas nas outras. Entretanto, nesta época, ainda existia o uso de tabuletas em cera devido o preço do pergaminho não ser muito acessível. As obras clássicas mais importantes como a *Iliada*, a *Odisséia* e a *Bíblia* foram copiadas em pergaminho. No final do século IV d. C., a palavra escrita já sobrepusera seu valor à oralidade.

Na Idade Média a escrita teve ampla aceitação entre os séculos XI e XV e representava o sagrado. A veneração por ela foi uma herança deixada pela tradição judaica que propagava os ensinamentos através da leitura. Escutar e ler eram a essência da leitura medieval (FISCHER, 2006). O Império Bizantino também inspirou o mundo medieval por intermédio da escrita e da leitura. Os pergaminhos desta época continham ilustrações da vida de Cristo em ricas iluminuras.

Parte da Europa Ocidental, na Idade Média, sofreu degradação na leitura e na escrita devido às invasões bárbaras. Houve enfraquecimento do comércio de livros e do ensino do latim. Mas Carlos Magno, rei franco, no final do século VIII, tomou novas medidas que favoreceram o melhoramento do nível cultural de seu reino. Os mosteiros e igrejas, por exemplo, permitiam apenas cópias que fossem corretas, os copistas eram proibidos de alterar os textos e os padres deveriam ser eruditos para fortalecer a igreja franca. Devido a esta atitude, muitas obras clássicas conseguiram vencer o tempo.

Assim como na Antiguidade, na Idade Média as ilustrações também eram importantes. A sociedade medieval não sabia ler o latim culto, por isso a iconografia representava a própria palavra. Desde o início da Idade Média até o auge do movimento gótico, no século XII, eram comuns as narrativas bíblicas, de forma ilustrativa, gravadas em paredes de igrejas e catedrais. Estas representavam verdadeiras bibliotecas. No século XV, mesmo com o uso do pergaminho, surgiram obras ilustradas impressas em tabuletas de madeira, dentre elas estava a Bíblia em figuras que

**I Encontro Internacional de Estudos Multidisciplinares:
"Antiguidade e Medievalidade nos textos"**

Universidade Estadual do Ceará – Universidade Federal do Ceará

Fortaleza (CE), 10 – 11 – 12 de Agosto de 2011.

depois ficou conhecida por Bíblia dos pobres, além de obras nas antigas tabuletas de ceras que foram usadas até o século XIV.

Nos rituais judaicos, durante a Idade Média, a inserção dos mais jovens no mundo da escrita e da leitura se dava por intermédio da ingestão de palavras das sagradas escrituras que estavam impressas em bolos de mel e ovos cozidos sem cascas.

Na Europa, ainda na Idade Média, em 1450, um novo suporte ganhou espaço com o advento da prensa de Gutenberg que revolucionou a história do manuscrito, o papel. Este foi inventado pelos chineses, por volta do ano 100 a. C., e sua chegada nos países islâmicos ocorreu no século IX, e na Europa Ocidental, seu uso frequente se destacou em 1300. No século XV, o papel já substituíu o pergaminho quase de forma unânime. Apesar da invenção da imprensa, houve um grande acréscimo na produção de manuscritos, mas não o suficiente para concorrer com a expansão da nova técnica.

As primeiras impressões consistiam em textos menores como calendários, almanaques, e cartas de indulgência. Textos mais extensos, como a Bíblia de 42 linhas, continuavam sob ofício dos escribas. A imprensa proporcionou ainda, obras em vernáculo que recebeu incentivo de investimentos capitalistas. Além disso, as impressões ganharam novos formatos e novos valores. Ou seja, os livros ficaram mais compactos, a preços mais acessíveis e passaram a representar uma ferramenta de estudo.

Como sabemos, a história do manuscrito não se deteve à invenção da prensa, pois, ao longo do tempo, novos suportes tem se destacado com os avanços tecnológicos, como o computador e os e-books que possibilitam armazenar grandes quantidades de livros em pequenos espaços que facilitam também sua portabilidade.

Em *A memória vegetal*, (ECO, 2010), leva-nos a refletir sobre o manuscrito desde o pergaminho à virtualidade, mostrando-nos que os suportes antigos, como o papiro e o pergaminho que continuam a inspirar os suportes atuais, como por exemplo, a tela do computador que ainda preserva, no movimento vertical de sua barra de rolagem, o manuseio do papiro entre os gregos.

A importância do vegetal para a memória da escrita não se restringiu apenas à invenção do papel, mas sempre esteve presente na história da escrita desde as primeiras inscrições em tabuletas de madeira, folhas de palmeiras e em papiro. Além disso, as primitivas técnicas de armazenamento dos manuscritos inspiraram o sistema catalográfico das bibliotecas atuais.

Com o passar dos tempos, estudiosos como arqueólogos, filólogos, paleógrafos e até mesmo bibliófilos atribuíram aos manuscritos valores que variam de acordo com os seus interesses num determinado tempo e espaço. Para isso foram criadas novas técnicas de manuseio que permitiram

**I Encontro Internacional de Estudos Multidisciplinares:
"Antiguidade e Medievalidade nos textos"**

Universidade Estadual do Ceará – Universidade Federal do Ceará

Fortaleza (CE), 10 – 11 – 12 de Agosto de 2011.

não somente preservar os manuscritos, mas também investigar sua autenticidade. Desde o século XIX, os manuscritos expandiram sua importância no campo científico graças à filologia e a edótica que possibilitaram o surgimento de uma nova linha de pesquisa, a crítica genética. Este campo tem como objetivo acompanhar o processo criativo das obras literárias a partir dos manuscritos de seus respectivos autores.

Conclusão

Ao longo de nossa pesquisa acompanhamos a aventura percorrida pelos manuscritos e quais dificuldades e transformações às quais eles resistiram ao longo desta trajetória. Observamos, além dos seus mais variados suportes, os valores que lhes foram atribuídos e que possibilitaram ao homem eternizar-se por meio deles. Em meio à era digital, e tantas outras invenções tecnológicas, precisamos saber a importância de preservar a memória para que sejamos capazes de manter vivas nossas raízes históricas e culturais. Pois, como afirma (ECO, 2010, p. 10-11), “a memória tem duas funções. Uma, e é nela que todos pensam, é a de reter na lembrança os dados de nossa experiência precedente; mas a outra é também a de filtrá-la, de descartar alguns e conservar outros”.

Referências

ECO, Umberto. **A memória vegetal: e outros escritos sobre bibliofilia**. Tradução: Joana Angélica d'Ávila. Rio de Janeiro: Record, 2010.

FISCHER, Steven Roger. **História da Leitura**. Tradução: Claudia Freire. São Paulo: Editora UNESP, 2006.

HIGOUNET, Charles. **História concisa da escrita**. Tradução: Marcos Marcionilo. 10ª Ed. Corrigida. São Paulo: Parábola Editorial, 2003.

POZZER, Kátia Maria Paim. “A Palavra de Argila e a Memória da História” **In: A Escrita da Memória interpretações e análises documentais**. Coordenação editorial Leandro Karnal, José Alves de Freitas Neto e Flávia Galli Tatsch. São Paulo: Instituto Cultural Banco Santos, 2004.



A ARTE DA MEMÓRIA NA RETÓRICA LATINA

MARTINS, Maria Helena A.
SOUSA, Francisco E. (orientador)

Resumo

O trabalho tem como objetivo o estudo de uma das partes da retórica, a memória, usada na Antiguidade para a memorização de um discurso e explorada na Idade Média para fins mais filosófico-religiosos. Como resultado, deslindamos algumas trilhas da “arte da memória” na Antiguidade e na Idade Média, bem como concluímos que seu estudo é essencial para o estudante de retórica.

Palavras-chave: Memória. Retórica Latina. Antiguidade. Idade Média.